

## **ENTÃO É VERDADE QUE OS MORTOS PODEM VOLTAR?**

*Yolande Lisboa*

*“O que, para muitos, parece no mais alto grau estranho é tudo que se relaciona à morte, aos cadáveres, à reaparição dos mortos, aos espectros e fantasmas. Vimos que várias línguas modernas só podem apreender a expressão “uma casa unheimlich” traduzindo-a por uma casa assombrada. Poderíamos, de fato, ter começado nossa pesquisa com este exemplo, talvez o mais marcante (surpreendente) de todos os exemplos de experiência do estranho. Mas evitamos fazê-lo porque neste caso, o estranho se confunde demasiado com aquilo que é terrificante (assustador) e, de certa forma, encontra-se parcialmente encoberto por ele.”*

Freud (10, p.241)

Começar por onde Freud afirma que poderia ter começado é, sem dúvida, colocar em questão os motivos pelos quais ele alega não tê-lo feito. Interpreta-se, com freqüência, os

motivos apresentados por Freud como respondendo a exigências e cuidados metodológicos. Mas se, intrigados por este comentário de Freud, retomarmos a leitura do “*Unheimlich*”, notaremos que as expressões “fantasmas” e “a volta dos mortos” insistem e rastreiam este texto. Difícil, também, não se perguntar por que, logo no início deste trabalho, Freud nos adverte que escolheu uma ordem de exposição inversa ao percurso realizado na sua investigação. Partiu, nos conta ele, da análise de uma série de casos particulares e, só depois, suas conclusões foram confirmadas pelo uso lingüístico. Afirma ainda, logo nas primeiras linhas, que ambos os percursos apontados - a análise de casos particulares e o uso da lingüística - nos levariam ao mesmo resultado. Freud, em suma, nos adverte insistente e repetidamente que poderia ter começado por onde não começou. Insistência e excesso de cuidados que nos levam a desconfiar que Freud não atendeu a nenhuma exigência metodológica, mas que talvez tenha se defrontado com um limite inerente à sua formulação teórica. Esta hipótese ganha novo alcance quando notamos com que freqüência o tema da “volta dos mortos” surge ao longo de sua obra.

Com efeito, na leitura das obras de Freud esbarramos, em vários momentos, com frases insólitas, aparentemente ingênuas e sem importância que se referem a bruxas e magias, à volta dos mortos, ou seja, a tempos primitivos que já deveriam ter sido ultrapassados. Assim, comentando o delírio de Norbert Hanold diante de uma Gradiva de volta à vida, lemos, “... *sim mesmo aquele que adquiriu uma ‘cabeça fria’, tornou-se incrédulo, pode reconhecer, não sem vergonha, com que facilidade ele volta, por um instante, à crença nos espíritos*”. Freud continua e lembra de quando confundiu uma cliente nova com uma cliente que já havia falecido; “*neste momento*” diz ele, “*não pôde formar outro pensamento senão este: então é verdade que os mortos podem voltar...*” (6, p.218). E até mesmo em 1937, no seu texto “Análise Terminável e Interminável” encontramos “...*não há crença errônea e supersticiosa da humanidade, pretensamente vencida, da qual*

*não sobrevivam hoje, entre nós, restos... o que uma vez veio à vida, sabe afirmar-se com tenacidade. Poderíamos as vezes duvidar que os dragões dos tempos originários estejam realmente mortos, todos até o último*” (14, p.244). E, como se não quisesse nos deixar dúvidas, Freud, neste mesmo trabalho, apropriando-se de uma das falas do Fausto de Goethe, pede ajuda à bruxa, e acrescenta: “*Entendam: a bruxa metapsicológica. Sem especular nem teorizar – por pouco teria dito fantasmear – metapsicologicamente, não damos nem mais um passo*” (14, p.240). Aqui ele brinca de convocar bruxas e fantasmas, como brincou em 1899 quando, numa carta a Fliess, ao comentar sua dificuldade em produzir e escrever, Freud, fazendo novamente dele as palavras do Fausto de Goethe, escreve “*aproximai-vos, espíritos flutuantes*” (4, p.267).

Para Freud, o tema da volta dos mortos e dos fantasmas é o resultado direto da imutabilidade da nossa atitude diante da morte. Não há, na opinião dele, outro domínio onde nossos pensamentos tenham, desde os tempos primitivos, se modificado tão pouco. Trata-se de um domínio onde até hoje o que é antigo se conserva, sob ligeiro disfarce, inalterado. Interpretar o surgimento destes pensamentos apenas como resquícios de tempos antigos ligados a desejos infantis nos levaria ao uso da metáfora arqueológica. Nesta perspectiva, arqueologia e psicanálise se dedicariam ambas a exumar o passado. Passado soterrado que, uma vez reconstruído e restaurado, permitiria um presente mais autêntico. Um presente enquadrado entre o passado e o futuro. Em relação ao real, o arcaico ficaria reduzido a um desvio patológico da seqüência: Percepção – Imagem – Lembrança – Ilusão. O arcaico, para Freud, seria, assim, indicativo de uma fusão. Veremos, no entanto, como, para Freud, nem o arcaico se relaciona apenas com a teoria da indiferenciação, nem o presente é este momento diferenciado na cronológica seqüência temporal. O arcaico é também adjetivo do heterogêneo, vestígio de grandes ruturas e mutações, resultado da desarticulação de um tempo disruptivo.

Falar de fantasmas e da volta dos mortos não nos remete a experiências passadas, reconstituídas e relegadas à obscuridade de um passado antigo. Não é, tampouco, povoar a cena com personagens arcaicos, espectros, espíritos e/ou demônios. Pressupõe, tal como no conto de Hoffman “O homem de areia”<sup>15</sup>, olhar através das lunetas ou de qualquer outro instrumento satânico do ótico Copolla. É olhar de tal forma, nos diz Freud, que o “*ótico Copolla seja realmente o advogado Copéllius e por conseguinte, também, o homem de areia*” (10 p.194). Livrando-se das categorias objetivantes de sujeito-objeto, surge um campo onde o tempo não mais se define pela sucessão, nem o espaço pela simultaneidade. Espaço onde o movimento, marcado por contingências, torna-se aberrante. Não se trata, portanto, nem da exumação de um passado, nem da construção de um futuro, mas da reapropriação de um passado em função do presente. Ou ainda, nas palavras de Lacan, trata-se de “*uma experiência, sempre atual, da necessidade que nos une a estes tempos (primitivos)*” (16, p.67). Momento de uma temporalidade singular, definido por Derrida como momento espectral.

Quando Derrida<sup>2</sup> tenta responder à pergunta “*aonde vai o marxismo?*” ele mostra como esta questão se coloca ao mesmo tempo diante, na frente (aonde vai) e a precede, vem antes, como sua origem. O futuro, o por-vir enquanto proveniência deve ser absoluta e irreversivelmente passado. Questão, portanto, que vai mais além do presente, que leva a vida presente, do seu “ser-aí-efetivo”, para além da vida presente para uma sobre-vida, “*um traço onde ambos vida e morte não seriam senão traços de traços, de traços...*” (2, p.17). Momento espectral que desarticula a identidade do presente. Jogando com os diversos sentidos do termo “espírito”, como Marx já tinha feito, Derrida afirma que é difícil e até impossível falar do/ao/ e com o espectro (espírito), ou seja, deixar ou fazer falar um espírito (pensamento). Quando, na peça de Hamlet<sup>18</sup>, aparece pela primeira vez em cena o espectro do rei, Marcellus exclama: “*Thou art a scholar; speak to it, Horatio*”, e logo depois insiste: “*Question it, Horatio*”; e

Horatio, por duas vezes seguidas, convoca o espectro a falar – “...by heaven I charge you speak!” ... “Stay! speak, speak! I charge thee, speak!” Mas, afirma Derrida, “Horatio é um ‘scholar’, ele, de fato, apenas procura chamar o espectro à razão, pará-lo na sua palavra” (2, p.34). O “scholar” (seja ele um leitor, um *expert*, um cientista, um professor, enfim um espectador) não acredita nem no fantasma, nem no espaço virtual da espectralidade. Para ele basta olhar. Ele só reconhece a singularidade de uma posição. O “scholar” acredita na franca e nítida distinção entre real e não real; o efetivo e não efetivo, o ser e não ser; o presente e o ausente. Ignora, assim, o que é a singularidade de um lugar de palavra, de um lugar de experiência e de um lugar de filiação – “Lugares ou laços, os únicos a partir dos quais podemos nos dirigir aos fantasmas” (2, p.33). Derrida procura pensar o fantasma como desarticulação na presença do presente – “não contemporaneidade do tempo presente a si-mesmo”. Presente desarticulado ao qual Hamlet de Shakespeare se reporta quando, após falar com o espectro do pai, diz “the time is out of joint”. Em outras palavras, procura permanecer na transitoriedade entre o que vem e o que vai, na articulação entre o que se ausenta e o que se apresenta.

Freud esbarra com o problema da transitoriedade numa situação bem particular que ele relata num pequeno ensaio em 1915. Neste texto<sup>9</sup> ele nos conta que, num dia de verão, passeava por campos floridos na companhia de dois amigos, um deles um jovem poeta. Apesar de admirar a beleza da paisagem, o pensamento que toda esta beleza estaria fadada a passar, perturbava o jovem poeta. Freud não conseguia entender nem a reação do poeta diante da paisagem de verão, nem tampouco a ineficácia de sua argumentação, a dificuldade que ele encontrou em remover o amigo deste estado de espírito. Os argumentos de Freud foram em vão. Ao aparente pessimismo do poeta, ele se contenta em opor argumentos otimistas e racionais, deixando com isto escapar a essência trágica deste momento. Em “Personagens Psicopáticos sobre a Cena”, Freud já havia marcado uma nítida diferença

entre o sofrimento e a infelicidade em relação à comédia dramática onde “*somente a inquietude é despertada e depois apaziguada*”, e em relação à tragédia onde o “*sofrimento tornou-se realidade*” (10, p.124). O poeta fala, no registro do trágico, de um sofrimento que se tornou realidade. Freud, no entanto, permanece no registro do drama, tenta apenas apaziguar o sofrimento. Ele também atribui o seu insucesso à intervenção de um poderoso fator afetivo que perturbaria o julgamento do amigo. Ele reconhece aqui os efeitos próprios a um trabalho de luto. O Belo só pode ter sido desvalorizado, argumenta ele, a partir de uma reação de revolta contra a antecipação do luto. Todavia, e contrariamente ao que Freud afirma, este sentimento do poeta não é antecipação do luto. Já é o resultado de um primeiro trabalho de luto que espectraliza este momento presente, desarticula as modalidades conhecidas da seqüência temporal (presente passado - “agora” - presente futuro). A transitoriedade do presente vem do futuro, do por-vir, daquilo que ainda não veio. Antecipação do futuro que tem por origem o passado, o ir do já se foi. Momento espectral, presente desarticulado, lugar de encontro de movimentos diferentes e contraditórios, este é o espaço do qual fala o poeta. Espaço virtual da espectralidade que não se confunde com o espaço de perdas do pós-guerra, evocado por Freud neste mesmo trabalho. Antes e depois da guerra, momentos irredutíveis um ao outro, assimétricos. A destruição e o luto do pós-guerra apontam para a necessidade de reparação e vingança. Outro é o momento descrito e analisado por Freud onde a marca do belo é a própria transitoriedade, a fugacidade do encontro entre o momento da contemplação e o momento da despedida. Atropelando o curso linear da história, o poeta desarticula o presente e lança desde o futuro – o por-vir – um olhar, não mais histórico mas político sobre o passado. Ele fala da relação excessiva ao outro, afirma a singularidade de um acontecimento futuro, nomeia enfim um por-vir que ao mesmo tempo é passado.

A presença está na articulação das duas direções da ausência – daquilo que não mais é, e daquilo que ainda não é.

Assim, o novo se revela estar aí, já presente desde sempre. Esta constante transformação da expressão do antigo no novo e do novo no antigo exige uma construção fantasmagórica, uma reconstrução, um fantasma. Na análise do “*Unheimlich*”, Freud também mostra como o estranho é o familiar, o “antigo” que apenas o processo de repressão tornou outro. O “*Unheimlich*”, afirma ele “*é o heimisch onde o prefixo “un” colocado diante deste termo é a marca da repressão*” (10, p.245). Para Freud são os exemplos emprestados ao domínio da ficção que melhor permitem analisar esta transformação constante da expressão do novo em velho. Ao tentar estabelecer uma diferença entre o estranho que encontramos na vida, e o estranho produzido pela imaginação e devaneios ou encontrados nos livros, Freud chega a um resultado paradoxal: “*na ficção, muitas coisas são estranhas que, se acontecessem na vida, não seriam estranhas e na ficção há meios de provocar efeitos do estranho que, na vida, não o seriam*” (10, p.249). Ao que tudo indica, a volta do reprimido não basta para explicar como o novo, o estranho, é uma realidade desde sempre presente. Mas Freud insiste na sua hipótese e se pergunta: “*...dada a imutabilidade de nossa atitude diante da morte, onde encontrar na repressão a condição necessária para que o primitivo possa re-aparecer enquanto estranho*” (10, p.242).

Ao comentar o velho rifão “*Naturam expellas furca, tamen usque recurret*” Freud mostra que tal dito não diz tudo. Anuncia apenas a volta do reprimido, mas nada diz a respeito do modo curioso segundo o qual se realiza este retorno. Manobra traiçoeira, nos confia Freud. É o meio escolhido para realizar a repressão, ou seja, é a própria *furca*, que se torna o portador daquilo que volta. O reprimido volta “*dentro e por trás da instância repressora*” (6, p.173). “A tentação de São Antonio”, quadro de Félicien Ropes, ilustra, segundo Freud, o retorno do reprimido de forma mais clara e definitiva do que qualquer palavra e/ou tentativa de explicação. “*Outros pintores*”, afirma ele, “*...colocaram nas suas representações análogas da tentação do pecado insolente e*

*triunfante em algum lugar ao lado do Salvador sobre a cruz. Apenas Ropes lhe fez tomar o lugar do próprio Salvador sobre a cruz; parecia saber que o reprimido, na ocasião de seu retorno, surge da própria instância repressora”* (6, p.174). Aqui Freud desloca suas investigações do reprimido para a instância repressora, das pulsões objetais para o ego. Abre desta forma a via para o “mais além do princípio do prazer”, para a compulsão à repetição e o caráter conservador da vida pulsional (13, p.118). O retorno do reprimido, aquilo que volta, desarticulando espaço e tempo, vem do futuro, do por-*vir* e ocupa o lugar da instância repressora. Momentos que se sucederam em tempos diversos que, no entanto, são simultâneos. Surgem ao mesmo tempo, no mesmo lugar.

Estes tempos primitivos pretensamente vencidos surgem, no presente, da própria instância repressora. É um pensamento do passado, uma herança que só pode vir do que ainda não aconteceu, do lugar de quem chega, do por-*vir*. Mas o arcaico é também a coexistência do heterogêneo – membros esparsos; cabeça cortada; uma mão solta, separada dos braços; pedaços e fragmentos com movimentos autônomos. Assim, não só o tempo é desarticulado, como o espaço fragmentado. Nestes momentos, como nos jogos infantis e nas criações literárias, os movimentos são inversos aos movimentos necessários para reconstrução de um todo coerente e articulado. Mediadores ambíguos, eles asseguram a passagem entre os pedaços, os fragmentos, costuram as diferenças. “São momentos”, nos diz Freud, “onde os limites entre imaginário e real se apagam, onde um símbolo adquire a força e importância daquilo que é simbolizado; onde o que é fantástico se impõe como real” (10, p.244). A volta dos pensamentos primitivos – parte infantil que também domina a vida do neurótico – é um aumento exagerado, exacerbado, da realidade psíquica em relação a realidade material. O extraordinário, o estranho, o singular, o novo, representação que o trabalho psíquico submetido ao princípio de realidade tende a amortecer, banalizar. É o *Heim*, o hóspede, nos diz Lacan, o *Heim* não tanto do *Unheimlich*, mas o *Heim* do *Geheimnis*

(segredo), que jamais passou pelos desvios e crivos próprios ao processo do reconhecimento – “*Este (Heim) permaneceu Unheimlich, menos não esperado do que não habitado, menos inabitual do que inabitado*” (16, p.82). Assim, o que surpreende o indivíduo não é se defrontar com o irreal a partir do real. O *unheimlich* se impõe quando o sujeito, mergulhado no irreal, se defronta com o real. Irreal não é o imaginário. O irreal tem um modo peculiar de se relacionar com o real. Modo que nos escapa e exige uma representação mítica (17, p.187). O objeto aqui é o correlativo do fantasma. Objeto dominante mas, no entanto, incomunicável, inapreensível, impossível de ser encontrado e trocado. Ele se encontra lá onde não pode ser visto. Objeto ao mesmo tempo atual e virtual, presente e passado. Este objeto surge quando olhamos aquilo que não pode ser visto, que não se deixa apreender, o inaparente. É quando, diante do espelho, nossa imagem deixa surgir a dimensão do nosso próprio olhar. A imagem refletida no espelho se autonomiza e nos olha, neste momento, nossa imagem especular nos escapa, tornando-se este duplo assustador e aterrorizante. O duplo como estas representações que pertencem ao domínio do narcisismo primário, não desaparecem com o desenvolvimento da criança e do pensamento dos povos “primitivos”. Adquiram, em função do supereu, uma nova configuração. Ao ultrapassar os tempos primitivos, o duplo deixa de ser garantia de sobrevida para tornar-se o estranho precursor da morte. Transforma-se em imagem de terror tal como os deuses, afirma Freud, “*após a queda da religião, transformaram-se em demônios*” (10, p.236).

Em 1919, Freud, tanto no “*Unheimlich*”<sup>10</sup>, quanto no “*Bate-se uma criança*”<sup>9</sup>, refere à uma instância crítica do Eu (consciência moral) a possibilidade de tratar o resto do ego como um objeto. Assim, as representações do duplo, os acontecimentos não realizados do destino, as decisões e escolhas reprimidas que produziram a ilusão do livre-arbítrio e da liberdade, enfim, tudo que de alguma forma se opõe à instância crítica do eu, revela-se novamente de essência nar-

císica. Suas significações primitivas multiplicam-se em sentidos opostos e contraditórios. Resultados do desenvolvimento do supereu, onde a consciência moral, longe de ficar apaziguada pelas renúncias de interesse e tendências, encontra-se reforçada por estas renúncias. O supereu herdeiro do complexo de Édipo, representante do mundo exterior real, modelo proposto aos esforços do eu, pode, na sua vigilância sobre o Eu, tornar-se cruel. Seu poder esconde e revela todas as influências do passado e da tradição (11, p.167). A agressividade do supereu é resultado de um processo de internalização, introjeção, mas nos adverte Freud “*ela, realmente, é apenas levada de volta para o mesmo lugar de onde veio – ou seja, dirigida para seu próprio ego*” (13, p.123). Desta forma, o supereu é agora capaz de exercer sobre o ego a mesma implacável agressividade que o “*ego gostaria de satisfazer sobre outros, indivíduos estranhos*” (13, p.123). Ego e supereu são as vezes mesclados, misturados de tal forma que não se pode distingui-los. Outras vezes perfeitamente diferenciados. De mestre severo, o supereu pode também, tal como no humor<sup>12</sup>, desempenhar em relação ao ego um papel reconfortante e protetor. Num espaço estruturado pela tensão entre eu e supereu, os efeitos são múltiplos e variados; as contradições, levadas ao extremo, coexistem e se completam. Neste espaço os comportamentos se tornam aberrantes, ininteligíveis. Atendem a uma proibição mas, e ao mesmo tempo, desafiam um comando.

É daqui que Freud poderia ter começado sua investigação. Quando a “*compulsão à repetição, para mais além do princípio de prazer, empresta um caráter demoníaco a certos aspectos da vida psíquica*” (10, p238). Quando, exacerbando as contradições e oposições, atropelando a cronológica seqüência temporal, a tensão entre o ego e o supereu faz surgir o desconhecido, o inaparente. Presença não de um outro mundo, mas presença do que é sempre outro. Poderia, portanto, ter começado por esta casa *unheimlich* que só pode ser traduzida por uma casa assombrada. Casa que exige uma nova economia, representa uma nova experiência de frontei-

ras e limites. Começar pela assombração, antes da vida enquanto tal, antes da morte enquanto tal. O fantasma, na casa assombrada, volta, retorna e insiste. Antes do fantasma, espectro ou espírito entrar em cena pela primeira vez, ele já está lá, assombrando a casa desde sempre. As vezes o fantasma entra em cena convocado pelo passado e a memória, como no já tão conhecido episódio do “Homem dos Ratos”. Trata-se do episódio onde o homem dos ratos estudava para submeter-se a um exame. Estudava tarde da noite, entre meia noite e uma hora da madrugada. Interrompendo seus estudos, ele abria a porta do seu apartamento e, na presença suposta de seu pai, olhava, diante de um espelho, seu pênis. Comportamento aberrante, ato obsessivo ininteligível que “*só ganha sentido*”, afirma Freud, “*por ser realizado na hora em que os fantasmas e espectros circulam*” (7, p.204). O homem dos ratos, como se estivesse aguardando a visita do espectro do pai, ao mesmo tempo atendia e desafiava. Assim, num único ato, ele “*deu expressão aos dois lados de sua relação com seu pai*” (7, p.204).

Mas Freud dá mais um passo para além da economia da repressão. Os fantasmas também podem surgir do por-vir. Atropelando o curso linear da história, eles se tornam acontecimentos num tempo deslocado, desarticulado. O fantasma não é produção do imaginário. Uma vez liberto do dilema verdadeiro-falso, ser não-ser, o fantasma “*topologiza a materialidade do corpo*”<sup>3</sup>. Pura repetição. Ele é um pensamento que não busca o verdadeiro apenas repete o pensamento. O fantasma tem dois palcos privilegiados, nos diz Foucault, “*a psicanálise e o teatro*” (3, p.52) E se Freud, por um lado, privilegiou os exemplos emprestados à ficção, por outro lado, ao longo deste texto, ele, de uma maneira constante, desconstrói a ordenação e articulação dos conceitos analisados. Num tempo outro e no mundo dos seres que existem e de coisas que subsistem chega do futuro, do por-vir, como presença, “*não um outro mundo*”, afirma Blanchot, “*mas o outro de qualquer mundo, aquilo que é sempre outro*”<sup>1</sup>. Impossível decidir sobre a realidade de um e do outro. Coloca, as-

sim, para além do direito, a questão da justiça. “*Não há tragédia*”, nos lembra Derrida, “*sem a anterioridade pré-origi-nária e espectral do crime. Do crime do outro, um crime gra-ve (forfait) cujo acontecimento, realidade e verdade jamais se apresenta em carne e osso, apenas deixa-se presumir, re-construir, fantasmar*” (2, p.46).

## RESUMO

Falar de fantasmas e de volta dos mortos é referir-se a um espaço virtual de espectralidade, a um momento de uma temporalidade singular. Neste espaço, marcado por contin-gências, os movimentos aberrantes tornam-se mediadores ambíguos. Asseguram a passagem entre os fragmentos, cos-turam as diferenças.

## Referências Bibliográficas

- 1 - BLANCHOT, M. - “La littérature et l’expérience originelle” in *L’Espace Littéraire*, Gallimard, 1955.
- 2 - DERRIDA, J. - *Spectres de Marx*, Editions Galilée, 1993.
- 3 - FOUCAULT, M. - *Theatrum Philosophicum*, Editora Princípio, São Paulo, 1987.
- 4 - FREUD, S. - “Lettres à Wilhelm Fliess” in *La Naissance de la Psychanalyse*, PUF, Paris, 1956.
- 5 - FREUD, S. - “Personnages Psychopathiques à la Scène” (1905 ou 1906) in *Résultats, Idées, Problèmes*, vol. I, PUF, Paris, 1984.
- 6 - FREUD, S. - *Le Délire et les Rêves dans la Gradiva de W. Jensen*, (1907) Gallimard, 1986.
- 7 - FREUD, S. - *Notes Upon a Case of Obsessional Neurosis* (1909) S. E. vol. X, The Hogarth Press, London, 1978.
- 8 - FREUD, S. - “Ephémère Destinée” in *Résultats, Idées, Problèmes*, vol. I, PUF, Paris, 1984.

- 9 - FREUD, S. - "A Child is being Beaten": *A Contribution to the Study of Sexual Perversions* (1919), S. E. vol XVII, The Hogarth Press, London, 1978.
- 10 - FREUD, S. - The "Uncanny" (1919), S.E. Vol XVII, The Hogarth Press, London, 1978.
- 11 - FREUD, S. - *The Economic Problem of Masochism* (1924), S. E. vol XIX, The Hogarth Press, London, 1978.
- 12 - FREUD, S. - *Humour* (1927), S. E. Vol XXI, The Hogarth Press, London, 1978.
- 13 - FREUD, S. - *Civilization and its Discontents* (1930(1929)), S. E. Vol XXI, The Hogarth Press, London, 1978.
- 14 - FREUD, S. - "L'Analyse avec Fin et l'Analyse sans Fin" (1937), in *Résultats, Idées, Problèmes*, vol. II, PUF, Paris, 1985.
- 15 - HOFFMANN - "Le Marchand au Sable", in *Contes Fantastiques*, vol. II, Garnier-Flammarion, 1979.
- 16 - LACAN, J. - *L'Angoisse*, Séminaire 1962-63, Inédito.
- 17 - LACAN, J. - *Les Quatres Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse*, Le Séminaire, Livre XI, Editions du Seuil, 1973.
- 18 - SHAKESPEARE, W. - "Hamlet" in *The Complete Works of William Shakespeare*, Gramercy Books, New York, 1975.